UM REFORMADOR BRASILEIRO NO BRASIL IMPERIAL

Raimundo Nonato Vieira[1]

Em um ano, quando o tema reforma é recorrente em vários círculos da sociedade, especialmente da religião, da história e da sociologia, é pertinente debruçar-se sobre um momento de inquietação social e religiosa nos idos final do Brasil Império.

Será que o ideal desejado pelo padre e regente Antônio Feijó encontra guarida no inquieto padre José Manuel da Conceição? Estão presentes elementos históricos e sociais na trajetória deste padre que se tornou o primeiro pastor brasileiro e ajudou a espalhar a fé evangélica pelo interior de São Paulo e do Brasil que justifique mais estudos a seu respeito?

Tem-se elemento social que cria as condições para o novo que surgiu com esta personalidade histórica? Tem-se como objetivo identificar características de uma reforma religiosa nos dias de José Manuel da Conceição, seus antecedentes históricos e a própria figura emblemática do eis padre como um reformador brasileiro.

O Brasil está mudando: de Brasil colônia para o Brasil império

O Brasil império, é um período que se inicia em 1822 com o retorno da Coroa portuguesa para seu país natal. Ficando aqui, Pedro I, filho de Dom João VI, que por sua vez, em meio a muita pressão de interesses políticos e econômicos declara o Brasil independente de Portugal.

Como é evidente, o Brasil não era uma ilha social em relação ao resto do mundo, mas recebia influências dos ideais filosóficos, políticos, religiosos e econômicos europeus. Segundo Francisco Iglésias, o regime político chamado imperialismo no Brasil, tem sua construção nos fins do século XVIII com o forte advento do liberalismo e do nacionalismo. Segundo este historiador, “O liberalismo e o nacionalismo são vistos como as duas notas típicas do oitocentos”.[2]

---

[1] Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia Fateh; Licenciado em História pela FUNESO; Mestrando em Ciências da Religião pela UNICAP. Endereço eletrônico: nonatovieira@hotmail.com.
[2] IGRESIAS, Francisco. **Trajetória política do Brasil:** 1500-1964. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 89.

O liberalismo e o nacionalismo são duas correntes de pensamento que terão fortes repercussões para independência do Brasil.[3] Não é novidade na historiografia brasileira o fato de filhos das famílias abastardas saírem do Brasil para estudar na Europa, e ao retornar traziam na sua bagagem as fortes influências do liberalismo, que apregoava a liberdade nacional, mas também a liberdade religiosa.

Não é demais dizer que, no Brasil, Igreja e Estado estavam juntos como forças sociais que operavam nos mesmos ditames de mobilização e persuasão. Com isto, quando uma onda liberal e nacionalista domina a intelectualidade, atingindo outros níveis da sociedade – está claro que ser independente inclui o Estado e a Igreja.

Quanto a Igreja, o sentimento é misto, não se quer trocar de igreja, mesmo que isso faz parte da discursão com a abertura para que imigrantes ingleses e alemães tenham sua liberdade de culto, mas há sentimentos de uma necessidade de reforma na igreja, conforme projetava o Padre Regente Antônio Diogo Feijó.[4]

Desde o início do achado[5] do Brasil pelos navegadores portugueses, este território era de uma única religião – o Catolicismo Romano, até mesmo porque no momento em que essas terras foram achadas pelos portugueses, a religião do mundo era o catolicismo.

Haverá dois momentos de tentativas de grupos protestantes se instalarem no Brasil no período Colonial: Em 1555, a expedição, comandada por Villegagnon se instalou na Guanabara, e tinha a missão de criar a França Antártica.[6] Esses franceses seriam huguenotes; Em 1630-1654, os holandeses invadiram Pernambuco e como parte dos objetivos era que a fé reformada fosse pregada a todos os moradores da província.[7]

Com a propaganda de doações de terras no território brasileiro para incentivar a imigração para o Brasil, torna-se imperiosa a flexibilização de leis, e a abertura para outros credos e práticas religiosas além do catolicismo.

---

[3] OLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). **O Brasil Monárquico**: o processo de emancipação. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. P. 153. T II, v 3.
[4] SOUSA, Octávio Tarquínio de. **Diogo Antonio Feijó:** história dos fundadores do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1988. p. 95.
[5] MARIZ, Vasco & PROVENÇAL, Lucien. **Os franceses na Guanabara:** Villegagnon e a França Antártica (1555-1567). 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 29.
[6] Ibidem, p. 37.
[7] SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e estado no Brasil holandês:** 1630-1654. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 61.

Mas além desses fatores que criaram condições favoráveis a um ambiente religioso, simpático a novas crenças, ou mesmo novos poderes eclesiásticos, conta-se com as lutas internas da Igreja Católica, bem como do centralismo de Pedro I. Um exemplo é o quanto os ideais de liberdade estava contaminando os clérigos no Brasil. Segundo Hauck,

> A autonomia do poder civil em assuntos religiosos e a independência dos bispos com relação ao papa, com o qual se consideravam em pé de igualdade na qualidade de sucessores diretos dos apóstolos, eram defendidas com naturalidade por bispos brasileiros anteriores ao movimento de romanização. Livros condenados por Roma se admitia como texto de ensino nos seminários. [...][8]

Tudo indicava naquela primeira metade do século XIX que a Igreja se tornaria um tipo de Anglicanismo no Brasil, ou seja, uma Igreja Nacional.

Mas, segundo o historiador Leonard, também trazia dificuldade para a cristandade católica no Brasil o quadro muito reduzido do clero: “A grande insuficiência numérica do clero secular é ainda hoje, o que um título de um livro do Pe. Paschoal Lacroix chama ‘o mais urgente problema do Brasil”.[9]

José Manuel da Conceição, um reformador brasileiro

Descrevendo a vida de Conceição, desde a sua infância, um de seus biógrafos assim delineia sua origem familiar e as circunstâncias sócio-políticas daqueles dias:

> Alguns meses antes da independência do Brasil, nasceu na cidade de São Paulo um menino, filho de Cândida Flora de Oliveira Mascarenhas e do pedreiro português Manoel da Costa Santos, profissional especializado em talhar pedras para construção, chamado de canteiro.[10]

É sob a pena do historiador Francês Léonard que fica-se sabendo que o verdadeiro nome de Conceição é José Manoel da Costa Santos, mas este teria adotado o Conceição. Tendo iniciado aos 18 anos de idade a leitura da Bíblia, não muito tempo depois desenvolveu relacionamentos de amizade com famílias inglesas e alemãs, todas protestantes, o que lhe oportunizará a leitura de livros reformados e

---

[8] HAUCK, João Fagundes, *et al*. **História da Igreja no Brasil:** ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época, século XIX. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 77-78.
[9] LÉONARD, Émile – G. **O protestantismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Juerp; São Paulo: ASTE, 1981. P. 29.
[10] SOUZA, Silas Luiz de. **José Manoel da Conceição:** o padre-pastor e o início do protestantismo brasileiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011. p. 13.

ouvir da doutrina calvinista e os ideais da Reforma do século XVI na Europa.[11] Mendonça fala de uma amizade em especial que teria exercido profunda influência sobre o jovem padre:

> A amizade que Conceição fez com o médico dinamarquês João Henrique Theodoro Langaard, que clinicava entre os trabalhadores de Ipanema, parece ter completado a sua protestantização, não tanto por seu exemplo de vida religiosa, mas pelas aulas de alemão.[12]

Além do contato com a literatura reformada, os relacionamentos de Conceição com esses estrangeiros, lhe impactavam a vida simples e exercícios de piedade diários.

É significativo que o jovem Conceição vá estudar na cidade de Sorocaba, palco em 1842 da Revolta Liberal, liderada por Rafael Tobias, Padre Feijó, Senador Vergueiro e outros. Pois ele, juntamente com seu tio, o padre Mendonça, assinou a Ata de Rebelião naquela ocasião.[13]

O clérigo católico se assemelha em muitos aspectos ao reformador alemão, Martinho Lutero, pois ele descreve suas crises ao deparar-se com textos bíblicos que o colocava em crise sobre sua fidelidade à Igreja Romana e a fidelidade à sua consciência.

Em 1863 a notícia sobre o padre 'protestante' chega ao conhecimento de um missionário americano – Alexander Blackford, que foi ao seu encontro em um sítio próximo a Rio Claro, São Paulo, oportunidade marcante para Conceição.[14]

Depois de exercer o sacerdócio católico por 20 anos, ele rompe com a igreja pedindo oficialmente seu desligamento ao arcebispo de São Paulo. Depois de seu desligamento, Conceição é batizado e posteriormente ordenado ao pastorado na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, tornando-se o primeiro pastor brasileiro.

Com a descoberta de uma nova fé, Conceição segue fazendo o que já fazia, pastorear pessoas, pregar, especialmente para aquelas do interior de São Paulo, Rio e Minas. Será aquele que abrirá as portas do interior do Brasil para a pregação protestante. Quanto sacerdote católico era chamado de 'padre louco', agora como sacerdote protestante será chamado de 'pastor louco'.

---

[11] CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da evangelização do Brasil**: dos jesuítas aos neopentecostais. Viçosa: Ultimato, 2000. p. 106.
[12] MEDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir:** a inserção do protestantismo no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2008. p. 127.
[13] RIBEIRO, Boanerges. **O Padre Protestante**. 2. Ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979. p. 8.
[14] CÉSAR, Elben M. Lénz. **Mochila nas Costas e Diário na Mão:** a fascinante história de Ashbel Green Saimonton. Viçosa: Ultimato, 2009. p. 168.

A mensagem de reforma do padre José Manuel da Conceição

O que se pode dizer sobre as condições socioculturais criadas ou existentes para que uma mensagem de reforma tivesse lugar no Brasil Império? Será importante o conceito de Berger sobre o mundo social e seus desdobramentos, pois Berger diz que,

> Viver num mundo social é viver uma vida ordenada e significativa. A sociedade é a guardiã da ordem e do sentido não só objetivamente, nas suas estruturas institucionais, mas também subjetivamente, na sua estruturação na consciência individual. [15]

Berger analisa esse conceito para a religião como algo que faz parte da estrutura que confere significado ao mundo social da mesma. No entendimento de Peter Berger, a religião confere uma estrutura de plausibilidade explicando e justificando o mundo conhecido. Segundo ele, "a mesma atividade humana' que produz a sociedade também produz a religião, a relação entre os dois produtos é sempre dialética".[16]

Tendo uma compreensão das condições sociais que possibilitaram os discursos de Reforma, desde Pombal, Feijó e culminando em José da conceição, podemos ver qual era sua mensagem de Reforma. Neste ponto será utilizado, principalmente a sua defesa em resposta à sua excomunhão. José Manoel da Conceição diz:

> Um passo tão importante e solene não deveria ser nem foi tomado precipitadamente. Havia anos que a leitura da Bíblia, da História da Reforma, e de outros livros religiosos e literários, tinham-me sugerido ideias que não se harmonizavam com os dogmas que professava. Vieram-me convicções irreconciliáveis com as obrigações e práticas que me cabiam como pároco[17].

Para Conceição, de uma vez leitor da Bíblia e de literaturas reformadas, ele entrou em uma luta interior. Ele diz que "a luta da alma era longa, renhida e penosa", também que comparava sua vida ao evangelho e não encontrava paz na sua alma.[18]

---

[15] BERGER, Peter L. **O dossel sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da Religião. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulus, 1985. p. 34
[16] BERGER, 1985, p. 61.
[17] CONCEIÇÃO, José Manoel. **Sentença de excomunhão e sua resposta**. Rio de Janeiro: Typografia Perseverança, 1867, p. 7.
[18] Ibidem, p. 8.

Saindo do motivo existencial porque de sua decisão de deixar a Igreja Romana, ele elenca outros temas que a Igreja precisava repensar. Segundo ele, na sua angustia, lembrava-se da Confissão, mas se questionava de onde viria o perdão, se do padre, da penitência, ou de sua própria contrição.[19] Além da confissão, Conceição cita a idolatria como motivo de sua irreconciliável convivência como padre da Igreja Romana; os meios de Graça, as indulgências, promessas, o celibato para os clérigos, veneração dos Santos, as relíquias, a doutrina do purgatório, entre outros temas.

Conceição, em sua defesa, se antecipa dizendo:

> Perguntar-se-á, talvez: Porque não trabalhou pela reforma, sem deixar a Igreja Romana? A isto respondo: Quando um edifício em desmoronamento ameaça completa ruina, é impossível continuar a residir nele, mas sai-se dele, ao menos até que seja reconstruído sobre bases firmes, sob pena de ficar com ele sepultado.[20]

Ele diz também, na sua defesa, que desejou muito que a Igreja Romana fosse assistida por Deus, no sentido de mudanças. Ele diz: “Esperava, porém, com uma convicção inabalável, que Deus havia de olhar para sua igreja e havia de assisti-la com o seu Santo Espírito.”[21] Ele demonstra que sua saída não foi um ato de leviandade.

As palavras de Léonard resumem bem o que foi a Reforma sonhada por Feijó e a Reforma de Conceição e seus *modus operandis* à semelhança da Reforma do século XVI na Europa:

> O homem que abriria ao protestantismo o interior do Brasil – conquistando não apenas indivíduos isolados, mas famílias extensas e sólidas – assegurando assim, seu estabelecimento, foi um padre. Esta particularidade – que nos reconduz à época da Reforma e às facilidades que ela encontrou no ministério sacerdotal de um Zwínglio e muitos outros – corresponde também àquilo que fora o sonho de Feijó: a reforma da igreja brasileira por um padre brasileiro.[22]

São tempos diferentes, contextos diferentes, sociedades muito dispares, mas antecedentes históricos e sociais formam o conteúdo da dialética presente na construção social da realidade sócio religiosa e histórica brasileira.

---

[19] CONCEIÇÃO, 1867, p. 8.
[20] Ibidem, p. 27.
[21] Ibidem, p. 9.
[22] LÉONARD, Émile – G. **O protestantismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Juerp; São Paulo: ASTE, 1981. p. 56.

Considerações finais

As mudanças em uma dada sociedade nunca ocorrerão isoladas das suas matizes culturais. O que se viu neste breve artigo é que a sociedade brasileira esteve, desde de seu início, sedimentando parte das bases sociais portuguesas no Brasil. É um conjunto de valores e instrumentos – como a religião, a política, a economia escravagista, entre outras.

Quando, nos idos do século XVIII para o XIX, as ideias europeias de nacionalismo, liberalismo e do jansenismo começam a chegar no Brasil, não afetará apenas a política, a economia, mas todos os elementos fundantes da sociedade brasileira, como, por exemplo, a religião.

O que começa com José Manoel da Conceição, é algo que já possui uma histórica ideia de reforma a Igreja Romana no Brasil. Antes de Conceição se tem um Feijo, anunciador do desejo de uma reforma brasileira, por um padre brasileiro.

Por fim, se percebeu que a realidade social é construída socialmente. Existem demandas socioculturais que exigem transformações ou mudanças com certa constância nas sociedades. No Brasil, não foi diferente – a entrada do protestantismo no Brasil foi uma demanda social que foi elaborada por vários atores e momentos históricos.

Referências

BERGER, P**e**ter L. **O dossel sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da Religião. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulus, 1985.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da evangelização do Brasil:** dos jesuítas aos neopentecostais. Viçosa: Ultimato, 2000.

_____. **Mochila nas costas e diário na mão:** a fascinante história de Ashbel Green Saimonton. Viçosa: Ultimato, 2009.

CONCEIÇÃO, José Manoel. **Sentença de excomunhão e sua resposta.** Rio de Janeiro: Typografia Perseverança, 1867.

HAUCK, João Fagundes, et al. **História da Igreja no Brasil:** ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época, século XIX. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

IGRESIAS, Francisco. **Trajetória política do Brasil:** 1500-1964. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LÉONARD, Émile – G. **O protestantismo brasileiro.** Rio de Janeiro: Juerp; São Paulo: ASTE, 1981.

MARIZ, Vasco & PROVENÇAL, Lucien. **Os franceses na Guanabara:** Villegagnon e a França Antártica (1555-1567). 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

MEDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir:** a inserção do protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

OLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). **O Brasil monárquico: o processo de emancipação.** 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. T II, v 3.

RIBEIRO, Boanerges. **O Padre Protestante**. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e estado no Brasil holandês:** 1630-1654. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1989.

SOUSA, Octávio Tarquínio de. **Diogo Antonio Feijó:** história dos fundadores do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1988.

SOUZA, Silas Luiz de. **José Manoel da Conceição:** o padre-pastor e o início do protestantismo brasileiro. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011. Coleção Perfis Protestantes.